

## **O Estado de S. Paulo**

**31/3/1985**

### **Acompanhamento na migração de rurais**

Impossibilitado de conter a migração de quase 100 mil trabalhadores rurais que anualmente deixam o Vale do Jequitinhonha, em Minas Gerais, rumo aos canaviais paulistas, o governo mineiro iniciou na semana passada um trabalho de fiscalização e aconselhamento aos migrantes.

Este trabalho, coordenado pela Secretaria do Trabalho e Polícia Rodoviária Estadual, com o apoio do governo paulista e da Federação dos Trabalhadores Rurais de Minas, está previsto para 90 dias e se localizará em dois pontos estratégicos: Diamantina, cidade histórica conhecida por ser "a porta do vale", e Teófilo Ottoni, no Norte do Estado.

Enquanto os policiais rodoviários detêm os ônibus nas estradas, funcionários da Secretaria do Trabalho conferem a documentação que os agenciadores de mão-de-obra, conhecidos como "gatos", precisam ter. Eles aplicam também um questionário aos passageiros, para saber sua procedência, idade, número de filhos e as condições que os obrigaram a migrar.

Segundo a Secretaria, que vem desenvolvendo trabalho junto à população do Vale há dois anos, o processo migratório intensificou-se desde 1975, dirigindo-se principalmente à região de Ribeirão Preto e provocando um deslocamento de mais de mil quilômetros.

### **GUARIBA**

O problema principal está nas condições da migração e trabalho nos canaviais, o que segundo o governo dos dois Estados resultou em incidentes como os de Guariba. O fluxo migratório é composto basicamente de trabalhadores de 16 a 40 anos, que não têm condições de sobreviver na região de origem, por causa da seca que destrói as lavouras, da falta de terra ou de condições para fazê-la produzir.

Há ainda, no entender da Secretaria do Trabalho, problemas de grilagem e expulsão feitos por grandes latifundiários. Com esses problemas, os trabalhadores costumam sair do vale em março e abril, deixando para trás as "viúvas de marido vivo", mulheres de migrantes que ficam sem seus maridos durante pelo menos sete meses por ano, trabalhando com artesanato primário para sobreviver.

Zonas rurais de várias cidades, como Araçuaí, Minas Novas, Chapada do Norte, Berilo, Capelinha, Itamarandiba, Virgem da Lapa e outras, ficam habitadas quase que unicamente por mulheres, sendo freqüente a fome e doenças como chagas, verminose e tuberculose, além da prostituição de meninas de 12 a 15 anos, por falta de trabalho, renda e comida.

Durante este trabalho junto aos migrantes, a Secretaria vem distribuindo folhetos explicativos da situação, com dados sobre o acordo de Guariba e endereços de apoio aos trabalhadores em Minas e São Paulo.

**(Página 52)**